

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PABLO NERUDA E THIAGO DE MELLO: da amizade à residualidade literária - Parte II

BOLSISTA: MARIA LEIDIANE SILVA DE SOUZA

MANAUS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-H/0084/2013

THIAGO DE MELLO E PABLO NERUDA: da amizade: à residualidade literária – Parte II

BOLSISTA: MARIA LEIDIANE SILVA DE SOUZA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CÁSSIA MARIA BEZERRA DO NASCIMENTO

MANAUS

2014

PABLO NERUDA E THIAGO DE MELLO: da amizade à residualidade literária – Parte II

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa Linguagens, Mídia e Moda (MIMO). Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM em conjunto com Fundação de Amparo a Pesquisa do estado do Amazonas (FAPEAM) através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, desenvolvido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Linguagens, Mídia e Moda (MIMO).

MARIA LEIDIANE SILVA DE SOUZA

BOLSISTA

CÁSSIA MARIA BEZERRA DO NASCIMENTO

ORIENTADORA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	Sobre Poesia e Poema	102
2.2	Sobre a relação do Poeta e sua Poesia	12.
2.3	Sobre poesia insubmissa como residualidade.....	12
3	DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	14
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	15
4.1	-Pablo Neruda : o poeta insubmisso.....	16
4.2	-Thiago de Mello e sua poesia insubmissa.....	18
4.2.1	- Breve Biografia Poética de Thiago de Mello.....	18
4.2.2	- Pablo Neruda e Thiago de Mello.....	20
4.3	Analises de poemas do Livro Faz escuro mas eu canto	21
	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	31
	AGRADECIMENTOS	32
	REFERÊNCIAS	32
	Cronograma	34

RESUMO

Esta é uma investigação acerca da residualidade na produção poética de Pablo Neruda e Thiago de Mello. No primeiro momento da pesquisa, enfatizamos a figura icônica no poeta Chileno Pablo Neruda, aprofundando em sua obra a teoria e a poesia insubmissa a partir dos estudos do professor Roberto Pontes. Para esta continuação, buscamos as mesmas características que ressaltam esta poesia engajada e cheia de significado na obra poética no poeta amazonense Thiago de Mello. Buscar tais semelhanças na poesia de ambos é comprovar que, a partir da convivência em Santiago Chile, fortaleceram-se riquíssimos resíduos de insubmissão que regeram boa parte da produção poética de ambos e que são fontes inesgotáveis para a pesquisa literária.

Palavras-chave: Pablo Neruda, Thiago de Mello, Literatura Comparada, Residualidade, Poesia Insubmissa.

RESUMEN

Esta es una investigación sobre el vestigio en la producción poética de Pablo Neruda y Thiago de Mello. En el primer momento de la pesquisa, enfatizamos la figura icónica del poeta Chileno Pablo Neruda, profundando en su obra la teoría y la poesía insumisa a partir de los estudios del profesor Roberto Pontes. Para esta continuación, buscamos las mismas características que resaltan esta poesía comprometida y llena de significado en la obra poética del poeta amazonense Thiago de Mello. Buscar tales semejanzas en la poesía de ambos es comprobar que, a partir de la convivencia en Santiago Chile, se fortalecieron riquísimos residuos de insumisión que condujeron buena parte de la producción poética de ambos y que son fuentes inagotables para la pesquisa literaria.

Palabras-Llave: Pablo Neruda, Thiago de Mello, Residualidad, Literatura Comparada, Poesía Insumisa .

Faz escuro, mas eu canto
Porque a manhã vai chegar.

Thiago de Mello

1 INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa só foi possível graças ao convívio de Pablo Neruda e Thiago de Mello em Santiago, quando o poeta caboclo fora designado ao cargo de assessor cultural na embaixada do Brasil no Chile, em 1961. Foi intenso convívio até 1965. Após notícia do início da Ditadura Militar no Brasil, em abril 1964, Thiago pede demissão e permanece em Santiago até 1965, de onde pode atender aos amigos que precisaram de exílio do Chile. Ainda em 1965, retorna ao Brasil. Em 1969, novamente exila-se no Chile, onde permanece até suicídio de Salvador Allende, que marca início da tomada de *La Moneda* pelas tropas de Pinochet, em 11 de setembro 1973 e a morte de Neruda em 23 de setembro de 1973. Talvez não seja o caso de dizer somente graças a esse período, mas, principalmente, foi lamentavelmente num período de dissabores políticos na América Latina, que a poesia de ambos se vestiria de insubmissão e esteve envolta no laço da amizade.

Assim, a pesquisa que realizamos fundamenta-se nos estudos sobre *poesia insubmissa* e na *teoria da residualidade literária e cultural*. Para os estudos sobre a poesia insubmissa, recorreremos ao livro *Poesia insubmissa afrobrasílusa*, de Roberto Pontes (1999) no qual o poeta e ensaísta discorre sobre a categoria a partir da leitura dos textos memorialísticos de Pablo Neruda (*Confesso que Vivi e Para Nascer, nasci*). A Teoria da residualidade literária e cultural, sistematizada por Roberto Pontes (1999), tem como fundamentos basilares a história das mentalidades, o hibridismo cultural, bem como a análise do imaginário popular e da humanidade como um todo no decorrer dos séculos. A escolha destes estudos para suporte teórico foi primordial, tanto para entendermos sobre o modo poético como para identificarmos a voz política como escolha poética sempre presente na literatura.

Neste sentido, ao reconhecermos a poesia insubmissa como atitude poética comum a poetas que insurgem diante de desmandos políticos, desenvolvemos uma investigação

fundamentada na teoria da residualidade, a qual reconhece por resíduo aquilo que remanesce na mentalidade de um tempo em outro, através da cultura e, mais especificamente, da literatura.

Muito além do estudo comparado sobre a poesia de Pablo Neruda e Thiago de Mello, esta pesquisa busca elementos de intercessão entre os dois poetas no que diz respeito à atitude poética insubmissa. Segundo Pontes:

Toda palavra já nasce impregnada de humano; todo verso vem ser o resultado de uma experiência. Assim, o isolamento, a ausência de contato e de interação torna-se possíveis no seio da sociedade em que vive o poeta. O poema que escreve, aquilo que diz, será sempre um produto do comércio entre seres humanos. Portanto, político e ideológico, mas também psicológico, filosófico, artístico, estético e, sobretudo, poético. (PONTES, 1999, p. 45)

Neste propósito, trazemos, para este relatório, importantes questões que foram tratadas na primeira parte da pesquisa: as ideias amadurecidas a partir de poemas e prosa poética de Pablo Neruda, nos quais foi possível comprovarmos a presença viva e latente de sua poesia insubmissa; a efervescente poesia insubmissa que emana nos anos inglórios do Brasil e do Chile; o aprendizado de Thiago de Mello quando do convívio com o poeta chileno. Com a retomada destas questões, foi possível dedicar a continuidade da pesquisa e deste relatório ao conceito de poesia, poema e poeta e à poesia insubmissa como resíduo poético na leitura de versos de **Faz escuro mas eu canto** de Thiago de Mello.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sobre Poesia e Poema

Para o desenvolvermos sobre os conceitos de poesia e de poema e para isso recorreremos aos estudos de Pedro Lyra.

Conforme Lyra, no seu livro **Conceito de poesia**: “O poema é de modo mais ou menos consensual, caracterizado como um texto escrito (primordialmente, mas não exclusivamente) em verso” (LYRA, 1986, p.6). E a poesia? Essa, “por sua vez, é situada de modo problemático em dois grandes grupos conceituais: ora como pura e complexa substancia imaterial [...], e ora como condição dessa indefinida e absorvente atividade humana” (LYRA, 1986, p. 6).

Ao tratarmos o poema como algo material palpável e a poesia como substância, não nos deparamos com a relação de existência por si da primeira e a necessidade de outro ser para a existência da outra. Lyra acrescenta que:

Se o poema é um objeto empírico e se a poesia é uma substancia imaterial, é que o primeiro tem uma existência concreta e a segunda não. Ou seja: o poema, depois de criado, existe *per se*, em si mesmo, ao alcance de qualquer leitor, mas a poesia só existe em outro ser primariamente, naqueles onde ela se encrava e se manifesta de modo originário, oferecendo-se à percepção objetiva de qualquer individuo.(LYRA, 1986,p.7).

Para a existência no poema é necessária a presença de seres que exercem influxo sobre o humano e resultam, a partir do contato, uma resposta. E nos perguntamos, quem são estes seres? Segundo Lyra, a princípio, somos todos nós. Consequentemente, tudo que existe no mundo. No entanto existe uma categoria de seres que possuem uma força que transita pelo mundo e que tem poder de chegar ao coração do homem causando esta comoção. A este, Lyra chama de objetos e situações transitivas. Este estímulo nasce não exclusivamente dos objetos mas daquilo que o autor chama de aspectos transitivos

Explicando sobre estes aspectos, Lyra sistematiza que estes objetos transitivos derivam das três categorias fundamentais da existência que são: a duração, a aparência e a magnitude.

Em relação aos aspectos, pode se afirmar que: “[...] como atributos de objetos concretos, são entidades abstratas: não tem existência *per se*, independente e autônoma como

a dos objetos, mas apenas nesses objetos que os contem; a segunda é que, contra a sua feição natural, eles são todos culturais [...] (LYRA, 1986, p.11).

2.2 Sobre a relação do poeta e sua poesia

Para pensarmos a relação do poeta e sua poesia, recorreremos a Aristóteles, Bachelard, Bakhtin e Adorno, principalmente porque se destaca aqui a compreensão de que os poetas que investigamos devem ser compreendidos como poetas que registram em poesia sua preocupação com o homem, sua poesia é voz da realidade que precisa ser denunciada, trata-se da poesia engajada que optamos por chamar de poesia insubmissa.

Na *Arte Poética*, Aristóteles afirma que o poeta é aquele que observa a realidade e pode captá-la além do olhar do homem simples. A produção poética é então o registro do que o poeta é capaz de captar do mundo. O poeta é aquele que vê poesia no mundo que o envolve e que transforma esse mundo em poesia.

Em *A Poética do Espaço*, Bachelard apresenta a relação da poesia com o mundo por meio de análises de textos que mostram que há poesia dentro do homem e à sua volta. Assim, uma poesia profunda de sentido de relação metafísica e psicológica pode e deve ser participada pelos seres humanos atentos, sensíveis, imaginativos e abertos ao devaneio.

Conforme Bakhtin: “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento” (BAKHTIN, 1997, p. 176). O poeta é o homem que se reconhece enquanto existência e compromisso com o mundo e converte sua poesia em seu discurso.

Theodor Adorno (1970), no livro *Teoria Estética*, orienta para a construção de uma teoria estética da arte em suas diversas formas, incluindo-se a Literatura, na relação entre arte literária e sociedade.

Desta consciência inerente ao poeta, destaca-se a poesia político-social, a qual serve de voz aos poetas insubmissos.

2.3 Sobre poesia insubmissa como residualidade

Os estudos sobre poesia insubmissa, realizados por Roberto Pontes (1999), foram organizados a partir da leitura dos livros autobiográficos **Para nascer nasci** e **Confesso que vivi**. Nestes, é possível vislumbrar a voz ativamente política de Pablo Neruda, o qual usa de seu ofício para esclarecer, denunciar ou simplesmente disseminar ideias para a libertação, não somente de seu continente, mas de todo o povo que sofre injustiças.

Mas do que trata a poesia insubmissa? A poesia insubmissa corresponde à produção de “enfretamento e livramento da opressão detectada pelo poeta e acolhimento de sua poesia pela coletividade sedenta de verdade” (PONTES, 1999, p. 30). E são essas as duas primeiras características identificadas por Pontes para a poesia insubmissa. As demais são o ensimesmamento, a antítese entre os símbolos de fecundação e combate, o tema enraizado na realidade, daí a opção partidária do poeta insubmisso. Todas as características encontradas nos textos de Pablo Neruda aplicam-se à obra de Thiago de Mello, que é poeta insubmisso porque, antes de tudo, faz do poeta um homem capaz de compreender seu lugar axiológico no mundo.

Algumas relações humanas geram o que chamamos de *resíduos*. A conceituação do que chamamos *residualidade* se pode também encontrar nos estudos de Roberto Pontes, o qual nos afirma: “Quando falo de *resíduo*, digo *remanescência*; se pronuncio *resíduo*, refiro-me a *sobrevivência* [...] *resíduo* é aquilo que *remanesce* de uma época para outra e tem a força

de criar de novo toda uma obra, toda uma cultura. O *resíduo* é dotado de extremo vigor. Não se confunde com o antigo”(MARTINS, 2010,p.01) . É expressão surgida com a força do novo porque é uma cristalização. É algo que se transforma como material bruto tornado joia de lapidação.

3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Este relatório corresponde à segunda parte de uma pesquisa que, para o seu melhor desenvolvimento, foi dividida em dois anos de iniciação científica. No primeiro ano da pesquisa, e para o primeiro relatório, abordamos sobre a poesia insubmissa de Pablo Neruda e sobre os laços históricos e de profunda amizade entre o poeta chileno e o poeta amazonense. Neste segundo momento e para o presente relatório, analisaremos poemas de Thiago de Mello.

A realização desta pesquisa parte da leitura bibliográfica e consulta às referências históricas do contexto de produção dos poemas que serão investigados. Evidenciou-se a necessidade de aprofundar leitura de alguns poemas para uma melhor abordagem da residualidade poética, ao passo que foi necessário adentrar em estudos sobre análise e teoria literária.

Após retomada de leituras da teoria literária, fizemos a seleção de livros da época de convívio dos poetas sobre os quais propomos investigar a residualidade poética advinda da amizade de Pablo Neruda e Thiago de Mello, do tempo de convivência e cumplicidade em Santiago.

Escolhidos os livros, fez-se uma leitura inicial para compreensão geral para, num próximo passo, escolhermos alguns poemas de ambos os poetas para relacionar elementos que evidenciem esta residualidade em poemas escolhidos do livro **Faz escuro mas eu canto**, nos quais observamos a grande presença de poesia insubmissa.

É de suma importância salientar que este relatório traz resultados da investigação sobre residualidade, sua aplicação na poesia insubmissa e a formação do poeta insubmisso Thiago de Mello. Para esta abordagem, houve cuidado maior na leitura de poemas do poeta amazônico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dando continuidade a um projeto de Pibic 2012, no qual investigamos sobre poeta chileno Pablo Neruda como poeta insubmisso e sua relação de amizade com Thiago de Mello, partimos ao segundo momento da pesquisa direcionando nossos estudos para a confirmação do poeta amazonense como poeta insubmisso. Thiago de Mello é poeta de versos que já traziam angústia própria e não aceitava desmandos políticos no Brasil, atitude poética que se soma ao aprendizado com Pablo Neruda. Thiago de Mello assume-se um novo poeta, com uma nova forma de cantar, a qual ele próprio chama de poesia comprometida, e à qual chamamos de poesia insubmissa. Os poemas de fúria insubmissa anteriores ou escritos no primeiro anos de Golpe Militar no Brasil são reunidos sob o título de **Faz escuro mas eu canto**, livro que Thiago publica quando retorna ao Brasil em 1965. E é neste livro que o poeta declara no poema "Vida Verdadeira": "Não, não tenho caminho novo. / O que tenho de novo/ é o jeito de caminhar". Em "Vida Verdadeira" está registrado o nascer e a razão da poesia que se faz transbordar naqueles anos inglórios. Os anos de tensão que antecederam 1964, aquele contexto e o que se vislumbrava tornava a poesia insubmissa sinônimo de vida. Era a vida em poesia, era essa a vida verdadeira. O momento é de entrega, de ser e sentir-se parte do grupo que já estava preso, perseguido, torturado e morto. O poeta é parte dessa multidão, é voz dessa multidão, sua poesia é sua voz, a um só tempo de força, de dor, de medo, de entrega.

Para melhor compreensão do é esse poeta na qual chamamos de insubmisso, como escolhemos chamar e estudar Thiago de Mello, se faz necessária a retomada do entendimento de quem foi Pablo Neruda, sua importância no meio literário e sua relevância como poeta engajado.

4.1 PABLO NERUDA: o poeta Insubmisso

Os estudos de Roberto Pontes (1999) sobre Poesia Insubmissa identificaram, nos livros autobiográficos **Para nascer nasci** e **Confesso que vivi**, a voz ativamente política de Pablo Neruda, o qual usa de seu ofício para esclarecer, denunciar ou simplesmente disseminar ideias para a libertação, não somente de seu continente, mas de todo o povo que sofre injustiças.

Abordar Neruda como *poeta insubmisso* é adentrar ao íntimo de suas produções e perceber sua grandiosidade, não somente como poeta, mas, acima de tudo, como cidadão engajado e comprometido com a liberdade. Em outros termos: “[...] enfrentamento e livramento da opressão detectada pelo poeta e acolhimento de sua poesia pela coletividade sedenta de verdade”. (PONTES, 1999, p. 30).

O ofício do poeta moderno não se limita somente ao apego às normas e às exigências nas produções como nos fala Neruda em um de seus textos chamado *nego-me a mastigar teorias*, onde relata que o poeta é consequência daquilo que vivera, sua vivência constrói o que ele é, o empírico se faz relevante para quem faz poesia:

Eu me nego a mastigar teorias e convido qualquer um a entrar comigo num bosque de carvalhos rubros no sul do Chile, onde comecei a amar a terra, numa fábrica de meias, numa mina de manganês (ali os operários me conhecem) ou em qualquer parte onde se possa comer pescado frito. (NERUDA, 1986, p. 143).

Há coisas mais importantes que ensaios e prêmios. O processo de identidade e identificação com os protagonistas e com os temas de seus textos são importantes para a construção e embasamento. A voz do artista de palavras se intensifica em um tom mais duro e firme, voltado quase que em sua totalidade aos que não têm vez: “Aí vemos que o poeta insubmisso, porque poeta, não pode alhear-se da sua circunstância mais imediata; sua sensibilidade está solidária com os miseráveis, oprimidos, subjugados [...]” (PONTES, 1999, p.36).

O poder da palavra é devastador, ainda mais se bem proferida. Em textos escritos, elas têm igual poder. Neruda sabia desse seu talento e poder de argumentação e usa-o como ninguém: “A palavra é semelhante à arma que brande um chefe quando se arremessa para frente, a fim de mostrar aos seus soldados o caminho que deve conduzi-los à vitória” (XANTHES *apud* PONTES, 1999). A combinação entre poesia e realidade nunca agradou aos líderes políticos, no decorrer da história, por acreditarem se tratar de uma mistura muito poderosa e nada interessante para quem quer manter seu poder inabalável. O papel do poeta insubmisso é bem diferente dos poetas neutralizados pela conveniência e calados pela comodidade. Roberto Pontes, sobre isso, afirma: “[...] o *poeta insubmisso* é justamente o contrário deste. É a voz que lança clareza e distinção; denuncia e guia” (PONTES, 1999, p.36).

Com a relação vida e obra, a qual em Neruda pode ser sinônimo de vida em obra, é possível afirmar o valor histórico de seus textos e a relevância para a construção do estudo sobre quem foi Pablo Neruda.

Vemos ainda grande número de denúncias, possibilitando uma gama de estudos sobre este poeta. Em algumas partes, é explícita sua determinação em defender causas que, para outros escritores, não seriam atrativas. Neruda viveu e conviveu com os personagens de sua prosa poética. Neruda também era aquele Chile: “Estou orgulhoso de que esta perseguição

queira concentrar-se sobre minha cabeça. Estou orgulhoso porque o povo que sofre e luta tem sim uma perspectiva aberta para ver quem se manteve leal aos seus deveres públicos e quem os traiu”. (NERUDA, 1986, p.321)

As palavras de Neruda que confirmam existir na produção em prosa ou poesia uma densidade poética, fonte inesgotável para leitura e investigação, do qual de destacará sempre o significado de ser poeta insubmisso: “É memorável e dilacerador para o poeta ter encarnado para muitos homens, durante um minuto, a esperança” (NERUDA. 1974 p.385).

4.2 THIAGO DE MELLO E SUA POESIA INSUBMISSA

4.2.1 Breve Biografia Poética de Thiago De Mello

Poeta ribeirinho que a vida concebeu em trinta de março nasceu Amadeu. Thiago, com seu nome segundo Mello, se fez conhecido, o poeta que para o mundo é apenas um menino. Um menino que sonha, que corre na beira do rio que leva a esperança a lugares que antes nunca se viu. Mas como pode um curumim do barranco saber escrever? Escrever e ler. Ler não somente o papel com tinta, mas ler o coração do homem, coisa bonita de se ver. Mesmo em meio ao sofrimento, nunca deixou de cantar, canto de passarinho que sai feliz do ninho, feliz por saber voar. Cantou e ainda canta este canto de criança que nem o exílio lhe tirou. Mesmo afastado de sua terra, compadecido da dor dos seus, sofreu, este querido amigo Amadeu. Mas levantou-se mais forte, ecoou o canto do norte de esperança a gritar. Com palavras viu a realidade se transformar, venceu o canto de morte e imortal se pós a cantar.

4.2.2 Pablo Neruda e Thiago de Mello

A mútua admiração é um fator importante para a grande afeição entre Pablo Neruda e Thiago de Mello, e foi no desenvolvimento do ofício que fomos contemplados com uma

grande riqueza em trocas de experiências e, por consequência, em produções literárias carregadas de significados afetivos por se tratar de um contexto ímpar na vida de ambos. Na produção daquele período, destacamos as marcas textuais que passam a marcar a poesia de Thiago de Mello em seu aprendizado e convívio com Neruda no cenário de desmandos na América Latina: usos de figuras de linguagem, temáticas em comum, na poesia insubmissa.

O homem é um ser social, já dizia Aristóteles, por isso não é incomum acontecer, pelas mais adversas condições, a cumplicidade entre as mais diferentes pessoas. Aqui se destaca a amizade entre o poeta chileno Pablo Neruda e o amazonense Thiago de Mello, num convívio que teve como cenário a América Latina na década de 1960 e suas particularidades históricas.

Os dois poetas encontraram em comum, a partir da afeição e dos dramas de seus países, uma luta e uma imensa esperança: a mudança do cenário de conflitos políticos na América Latina. Além disso, os une o grande amor pelo ofício de moldar em palavras sentimentos e anseios de transformação do ser e da sociedade.

O contexto histórico foi essencial para que a amizade dos poetas se fortalecesse.

Thiago de Mello estava no Chile a trabalho como assessor cultural na embaixada do Brasil no Chile quando eclodem cá os primeiros atos de Ditadura e as consequentes perseguições, prisões, torturas e exílios aos insubmissos. Thiago permaneceu no Chile e passou a ser referência aos intelectuais brasileiros que buscavam exílio.

Sua hospedagem em terras chilenas, desde o início, não poderia ser mais conveniente e produtiva. Ficou em *La Chascona*, uma das casas do já prestigiado poeta Pablo Neruda em Santiago. Esta casa hoje é o Museu Neruda.

No livro *Faz escuro, mas eu canto*, logo nas primeiras páginas, temos, a partir da visão poética de Neruda, como foi essa chegada de Mello ao Chile:

Desde que Thiago llegó a Chile se produjeron varias alteraciones territoriales dignas de tomarse cuenta. El llamado viento “*puelche*” cambió

invisiblemente de rumbo y formó figuras romboidales en la Cordillera. El pulso del país se recobró como si despertara de una letárgica tristeza. Hacia Angostura de Paine se vio sobrevolar una bandada de pájaros amarillos que no eran canarios ni limones y volaban en forma extraña, como nadando en el agua celeste. También se observó en la arena de Isla Negra un precipitado varia calcáreo a la vez transparente y sonoro. Podemos atribuir estas variaciones a la influencia de Thiago Mello en nuestras almas. A la vez nuestras almas hacen cambiar el paisaje. (MELLO, 2009, p.15).

Foram anos de intensa amizade e colaboração, nos quais Thiago de Mello foi tão bem acolhido que produzira poemas de grande carga emocional e conteúdo histórico. Quando Thiago de Mello despede-se das terras frias de Santiago do Chile, Neruda faz o poema “Thiago y Santiago” usando as palavras saudade, sobre a qual Neruda diz não saber exatamente o significado. Mas como a maneira mais honrosa para a despedida de um poeta é fazer poesia do que sentira, assim fez Neruda:

Thiago y Santiago
Thiago, A Santiago, como un vago mago,
Has encantado en canto y poesía.
Sin San, has hecho de Santiago, Thiago,
Un volatín de tu pajerería.

Al Este y al Oeste de Santiago
diste el Norte y el sur de tu alegría.
Muchos dones nos diste, un solo estrago:
llevaste el corazón de Anamaría.

Te perdonamos porque con tu bella
De rosa en rosa y de estrella en estrella,
Te llamará el Brasil a su desfile.

Te irás, hermano, con la que elegiste.
Tendrás razón, pero estaremos tristes,
Que hará Santiago sin Thiago de Chile¹
(MELLO, 1996, p. 5.)

¹ Tradução: Thiago a Santiago como um vago mago/Tens encantado em canto e poesia/Sem San, tens feito de Santiago, Thiago/uma pipa/ Ao Leste e ao Oeste de Santiago/ Desde ao norte e ao sul da tua alegria/ Muitos dons nos deste, um só estrago/ Levaste o coração de Anamaria/ Te perdoamos porque com tua bela/ De rosa em rosa e de estrela e estrela / Te chamaria o Brasil ao seu Thiago do Chile. (tradução própria).

4.3 Análises de poemas² de **Faz escuro mas eu canto**

O olhar do poeta de versos que já traziam angústia própria e não aceitava tantos desmandos políticos no Brasil se somaram ao aprendizado e ao olhar de Pablo Neruda. Thiago de Mello assume-se um novo poeta, com uma nova forma de cantar, a qual ele próprio chama de poesia comprometida, e à qual chamamos de poesia insubmissa. Os poemas de fúria insubmissa são reunidos sob o título de **Faz escuro mas eu canto**, livro que Thiago publica quando retorna ao Brasil. E é neste livro que o poeta declara no poema "Vida Verdadeira": "Não, não tenho caminho novo. / O que tenho de novo/ é o jeito de caminhar".

Na véspera de seu retorno ao Brasil, a Televisão Nacional do Chile (Democrata-Cristão de Frei) perguntou-lhe por que voltaria ao Brasil, onde os militares não o queriam, e por que não ficaria no Chile onde o chanceler Gabriel Valdés lhe ferecera lugar no departamento cultural do seu próprio Ministério. As palavras do poeta foram: "Vou voltar para lutar contra a ditadura. Voltei e fui preso ao chegar na porta do avião". (MELLO, 2013, pág. 5)

Levava os poemas escritos em Santiago, e procurou José Olympio, seu editor àquela época, para a publicação imediata daqueles versos de protesto. Não conseguira a publicação, a José Olympio tinha apoiado o golpe. Thiago leva seu livro ao amigo Ênio Silveira, que tomando os originais nas mãos, escreveu "urgente, urgentíssimo" e o livro foi lançado em dezesseis dias. O livro ainda precisaria de revisões, mas a urgência de levar a público os versos de indignação era maior. Em três meses de vendas, **Faz escuro mas eu canto** já estava na segunda edição.

Faz escuro mas eu canto tem dedicatória carinhosa à companheira chilena Anamaria; ao escritor chileno: "Para Pablo Neruda – meu amigo Paulinho – voz cristalina e ardente, que se

² Os dados biográficos contidos nesta pesquisa, fazem parte da Tese de Doutorado da Professora Dr. Cássia Maria Bezerra do Nascimento da Universidade Federal do Amazonas, intitulada **Os Estatutos do Homem Thiago de Mello**.

ergue cantando, cada amanhecer, pela libertação de nossa América" (MELLO, 2009, p. vi) e aos amigos Paulo Alberto e Almino Afonso

"Vida Verdadeira" o primeiro poema do **Faz escuro mas eu canto** e a expressão também "vida verdadeira" abre os *Estatutos do Homem*, no Artigo I. "Fica decretado que agora vale a verdade./ agora vale a vida, e de mãos dadas,/ marcharemos todos pela vida verdadeira". (MELLO, 2009, p. 25)

Para análises escolhemos quatro marcantes poemas destes livros por conterem a matéria prima necessária para a constatação desta voz insubmissa que comprovaremos a seguir. Os poemas a serem analisados são: "Vida Verdadeira", "Canção para fonemas de alegria", "Poema de quarto centenário", "O pão de cada dia" e "Cantiga de Claridão".

"Vida Verdadeira" o primeiro poema do **Faz escuro mas eu canto** e a expressão também "vida verdadeira" abre os *Estatutos do Homem*, no Artigo I. "Fica decretado que agora vale a verdade./ agora vale a vida, e de mãos dadas,/ marcharemos todos pela vida verdadeira". (MELLO, 2009, p. 25)

Em "Vida Verdadeira" está registrado o nascer e a razão da poesia que se faz transbordar naqueles anos inglórios. Os anos de tensão que antecederam 1964, aquele contexto e o que se vislumbrava tornava a poesia insubmissa sinônimo de vida. Era a vida em poesia, era essa a vida verdadeira. O momento é de entrega, de ser e sentir-se parte do grupo que já estava preso, perseguido, torturado e morto. O poeta é parte dessa multidão, é voz dessa multidão, sua poesia é sua voz, a um só tempo de força, de dor, de medo, de entrega:

Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.

Vida que não se guarda
nem se esquiva, assustada.
Vida sempre a serviço da vida.
Para servir ao que vale
a pena e o preço do amor.

Ainda que o gesto me doa,

não encolho a mão: avanço
levando um ramo de sol.
Mesmo enrolada de pó,
dentro da noite mais fria,
a vida que vai comigo é fogo:
está sempre acesa.

A força de Thiago de Mello nasce na infância do menino do Amazonas, dos barrancos e das águas negras; do menino que se banhava nas águas sempre revoltas. Era preciso coragem, e essa coragem fica registrada em sua alma, por isso é “Vida que não se guarda nem se esquiva, assustada”. Thiago de Mello carrega em sua vida a coragem e a inocência de menino:

Vem da terra dos barrancos
o jeito doce e violento
da minha vida: esse gosto
da água negra transparente.
A vida vai no meu peito,
mas é quem vai me levando:
tição ardente velando,
girassol na escuridão.

Carrego um grito que cresce
Cada vez mais na garganta,
cravando seu travo triste
na verdade do meu canto.

Canto molhado e barrento
de menino do Amazonas
que viu a vida crescer
nos centro da terra firme.
Que sabe a vinda da chuva
pelo estremecer dos verdes
e sabe ler os recados
que chegam na asa do vento.
Mas sabe também o tempo
da febre e o gosto da fome.

Nas águas da minha infância
perdi o medo entre os rebojos.
Por isso avanço cantando

(...)
Aqui tenho a minha vida:
feita à imagem do menino
que continua varando
os campos gerais

e que reparte o seu canto
 como o seu avô
 repartia o cacau
 e fazia da colheita
 uma ilha do bom socorro.
 (MELLO, 2009, p.21-3)

Essa Amazônia em Thiago de Mello está além da paisagem: é viva e atemporal. É representação amazônica sem necessariamente ser identificação de uma época ou ação histórica. Fisicamente, o cenário amazônico é revelado, mas se representa muito mais, nos versos do poeta e Barreirinha, um ambiente com vida própria:

Estou no centro do rio
 estou no meio da praça.
 Piso firme no meu chão
 sei que estou no meu lugar,
 como a panela no fogo
 e a estrela na escuridão.
 (MELLO, 2009, p.22)

A Amazônia dentro d'alma, a vida em poesia, a incapacidade de omitir-se diante das tensões externas fazem a poesia de Thiago de Mello. É por tudo isso que Pablo Neruda e Thiago de Mello são poetas que se alimentam da vida, da “vida verdadeira”, do Chile, da Amazônia, do Mundo. O caminho novo é o canto da América Latina, do passado, do presente e dos que virão. Canto daqueles de alma e poesia para a luta:

O que passou não conta?
 indagarão as bocas desprovidas.
 Não deixa de valer nunca.
 O que passou ensina
 com sua garra e seu mel.
 Por isso é que agora vou assim
 no meu caminho.
 Publicamente andando.

Não, não tenho caminho novo.
 O que tenho de novo
 é o jeito de caminhar.
 Aprendi (o caminho me ensinou)
 a caminhar cantando
 como convém a mim
 e aos que vão comigo.

Pois já não vou mais sozinho.
(MELLO, 2009, p.23)

O poema foi escrito em momentos e espaços diferentes: Manaus, 61; Punta del Estes, 62; Recife, 63; Santiago do Chile, inverno de 64, numa clara evidencia da poesia que Thiago de Mello trazia em si desde o viver os perigos e os sabores da sua Amazônia ribeirinha, e ganha força e forma com os anos duros na América Latina, com a convivência com o amigo premio Nobel, Pablo Neruda, e com a eclosão da Ditadura militar no Brasil.

No poema “Canção para fonemas de alegria”, dedicado a Paulo Freire, acompanhamos a simplicidade que leva à felicidade plena, o simples ato de ler deve ser partilhado. O poeta compreende que o verdadeiro amor só pode ser chamado de amor quando é repartido, assim como ocorre aos livros que só se tornam imortais lidos, é preciso que existam se formem os leitores. A alegria de aprender a ler é também personificada na alegria do livro, só assim para ambos existirem, para que se perpetuem suas histórias e seus poemas.

O Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente para desfraldar
este canto de amor publicamente.
(MELLO, 2009, p.35)

Para o poeta insubmisso, o ato de não somente gritar, mas cantar seus amores e suas dores são bem comuns. Tornar seus sentimentos públicos sem medo de represá-los, pois tem consciência de que não são seus, mas daqueles para quem e onde o eco de sua poesia chegar.

Nos poemas de Mello observamos sempre elementos da natureza que automaticamente nos remetem a sua infância em Barreirinha:

Sucede que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.
(MELLO, 2009, p.35)

Os poemas insubmissos trazem a memória de outras épocas de sua vivência, com identificação com seu lugar de origem. Sua terra é sempre o seu refúgio, o recordar está sempre presente e a valorização das coisas simples de infância são essenciais e colocadas como sentimentos puros e resultantes da vida verdadeira.

Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,

e pode ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas

são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.
(MELLO, 2009, p.35)

Nestes versos percebemos outra marca característica dos poemas de Thiago de Mello, a presença dos girassóis, das flores que, por ventura, sempre estão em busca do sol e o seguem. Assim também é o poeta insubmisso, sempre buscando o sol da verdade, o sol da vida. Não importando o momento que esteja vivendo, qual o contexto, o poeta insubmisso sempre voltará sua face para a verdade e a ela explicitará seu canto.

Às vezes nem há casa: é só o chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente, que acaba de nascer:
porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,

e acaba por unir a própria vida
no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão

que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que paga por ser homem,

mas um modo de amar - e de ajudar
o mundo a ser melhor
Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:

ele atravessa os campos espalhando
a boa-nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, frente a frente,

contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.

Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.
(MELLO, 2009, p.36)

Cantar por aqueles que estão impossibilitados de fazê-lo, é umas das características mais marcantes do poeta insubmisso. Sensibilizar-se com as mazelas da sociedade e se encantar com um adulto que descobre na leitura uma nova existência, é o louvor à educação pela qual o homem que não nasce somente para o mundo, mas é o novo mundo que nasce para ele.

Em “Poema do quarto centenário” poema dedicado à Astrojildo Pereira, poeta e fundador do partido comunista no Brasil. Sua profunda comoção ocorreu a partir do confronto com um jornal datado de outubro de 1964, que revelava sua prisão arbitrária no Brasil. Gritar com a certeza que aqui só chegaria os ecos devido a distância, pois se encontrava em Santiago. O poeta estava preso, mas, mesmo distante, a voz de seu compatriota e amigo eclodiu como tiros certos aos mandantes e comandantes da Ditadura Militar no Brasil.

Olho longamente num jornal
que serve de correio da manhã
a fotografia do escritor
num cárcere do Rio de Janeiro.

De tanta doçura,
parece a foto de um adolescente.
Recordo que muitas vezes lhe vi
brincar no olhar um alegre passarinho,
um arabesco de amor no azul aberto,
o terno gosto da alegria humana.
(MELLO, 2009, p.37)

Os fatos cotidianos como ler um jornal matinal se convertem em matéria prima riquíssima para quem faz poesia. Ao ler sobre a prisão de Astrojildo, Thiago se incomoda com os absurdos que ocorriam em seu país e usando sua maior arma que é a palavra, desenvolve um texto de profunda sensibilização e de cunho altamente denunciante. O poeta perseguido fala pelo poeta preso. Ambos foram vítimas da ditadura, muito embora de maneiras diferentes. Mesmo em toda a adversidade, o poeta consegue enxergar no olhar do cativo o olhar de infância:

Mas já está com 74 anos o escritor,
o escritor preso.
Está preso porque provou
do mundo que lhe coube,
e achou o mundo amargo
e um tanto podre.

Continuo olhando no jornal
a fotografia do grande machadiano
sentado altivo no catre,
o seu perfil sereno
e malferido
na dor da biblioteca devassada,
o olhar cravado límpido na vida
consumida na construção do amor,
esse poder imenso de canção
de amanhecer na boca anoitecida.
(MELLO, 2009, p.37)

De volta ao contexto, o poeta faz uma reflexão destemida sobre a situação que levou o amigo à prisão. Opositor ferrenho de todas as estruturas que tiram o direito a liberdade, Thiago esboça impressões que somente Astrojildo poderia comentar, mas, ao se fazer portavoiz, as expõe com a propriedade de quem também provara deste mesmo mundo amargo.

O olhar de esperança do poeta insubmisso o possibilita perceber mesmo em situações desagradáveis a sede de vida no olhar de quem lutou e que mesmo já idoso e impossibilitado de exercer seu direito de cidadão compromissado com a igualdade continua sua caminhada rumo à vida definitiva.

Queima demais a brasa desta foto:
brasa de incêndios, frágua da manhã.
É preciso fazer alguma coisa,
varar no escuro um rumo de meninos,
inventar um navio de amapolas.
aprender outra vez a soletrar,
abrir os alicerces do arco-íris,
é preciso fazer alguma coisa
para lavar a vida degradada.
(MELLO, 2009, p.38)

Inconformado com a dura condição imposta ao poeta cativo, Thiago idealiza a fuga fantasiosa, mas cheia de significados. Libertar quem sofre e lavar essa vida degradada se faz necessário para chegar à justiça sonhada e renovar a esperança.

Tudo porém depende de um major.
Porque perante vozes que se ergueram,
Os altos fabricantes de justiça,
Que decidem de sortes e destinos,
Desenvolveram-lhe todos o direito
De ser dentro da lei um homem livre.

Sucede que o major disse que não.
O major simplesmente diz que não,
e não sucede nada de escalavre
o medo enfurecido, salvo o vento
que lava livre a mágoa da cidade
heroica e leal de São Sebastião
na festa do seu quarto centenário.
(MELLO, 2009, p.38)

O repúdio pelas patentes e ditaduras que criam a falsa ilusão de posse da vida de todos é uma constante em versos de poetas indignados. Acreditar que a vida é individual e sagrada e que ela só existe em plenitude com intensa liberdade é assumir que a vida verdadeira consiste em uma busca incansável pela justiça e igualdade.

Já em o “Pão de cada dia” o poeta contextualiza o sonho do direito a alimentação a todas as pessoas.

Que o pão encontre na boca
O abraço de uma canção
inventada no trabalho
Não a fome fatigada
de um suor que corre em vão
(MELLO, 2009, p.41)

Nestes versos, o poeta usa o pão como símbolo coerente à doação, partilha e igualdade entre os homens e valorização de seus esforços para sobreviver com dignidade.

Que o pão do dia não chegue
sabendo a resto de luta
e a troféu de humilhação
Que o pão seja como flor
festivamente colhida
por quem deu ajuda ao chão
(MELLO, 2009, p.41)

Assim está a alegria da colheita como verdadeira recompensa ao homem que trabalha com dignidade. O poeta observa que, infelizmente, muitos homens são explorados e forçados a trabalhar somente para dar o que comer aos seus, privando-os assim do prazer de ver seu trabalho recompensado como a benção do florescer.

Mais do que flor, seja o fruto
nascendo límpido e simples
sempre ao alcance da mão
Da minha e da tua mão
(MELLO, 2009, p.41)

Vê-se que o poeta enfatiza que o direito ao trabalho digno seja assegurado com afinco a todos os seres humanos sem distinções de classe, raça ou preferências. A poesia insubmissa de Thiago de Mello é canto de luta e canto de paz, de aliada incondicional dos direitos pela fraternidade, pela liberdade, pela igualdade, numa utopia que não pode jamais esvair-se dos corações humanos.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Após estes dois anos de intensa e dedicada investigação, observamos como se dá o processo de residualidade que gera poesia insubmissa. Nesta relação entre Pablo Neruda e Thiago de Mello, a poesia de ambos ganhou força, ora em como a poesia era desenvolvida, ora como ela era divulgada. Ressaltamos a grandiosidade e poder destas trocas de experiências, vivências e ternos sentimentos de identificação e de respeito vividos entre os poetas sujeitos desta investigação. Aclaramos que, dentro das limitações para este relatório, não é possível assinalar todos os resíduos de poesia insubmissos advindos deste período da vida dos poetas, que, por ventura, são inesgotáveis e nos permitirão continuar a mesma linha de investigação. Observamos nas obras de Thiago de Mello e também na de Pablo Neruda uma voz dos que falam com consciência política intensa e cheia de inquietações, que precisa se registrar em versos, ora para uma convicção de luta, ora para levar esperança ao povo sofrido da América Latina e se fazer voz deste povo contra os desmandos de ditaduras injustas e causaram uma mancha triste na história deste continente.

A partir das leituras de Pablo Neruda e Thiago de Mello em conjunto com o livro do poeta e ensaísta e professor Roberto Pontes, **Poesia insubmissa Afrobrasilusa**, temos a junção perfeita entre teoria e poesia em suporte e coerência.

Pablo Neruda e Thiago de Mello são importantes poetas insubmissos da América Latina. Temos em ambos a profunda identificação com seus lugares de origem e profundo amor e respeito por seus companheiros e pelo povo pelo qual lutam.

Mesmo após a morte de Neruda em 1973 é possível perceber que a morte não se fez barreira para a continuidade desta bela amizade. Daqueles anos, até hoje, a poesia de Thiago de Mello se mantém insubmissa. E Thiago escreve em seus livros e fala em entrevistas, eventos fora ou dentro do país e em conversas informais, sobre o eterno aprendizado que foram os anos no Chile e sobre o nascer e o florescer da imortal convivência com Neruda.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a Professora Dra. Cássia Maria Bezerra do Nascimento por acreditar em meu potencial e por dedicar seu tempo para orientar-me sempre usando da motivação para explorar a melhor parte do meu ser acadêmico.

À minha família por confiar e apoiar a minha caminhada universitária.

Ao meu filho João Marcelo por sempre ser motivação para mim.

Às minhas colegas do curso de Letras – Língua espanhola, em especial às melhores amigas que uma estudante pode encontrar pela vida: Cláudia Maria de Serrão Pereira e Karina Morales.

Aos professores que compõem a banca examinadora dos trabalhos de Iniciação Científica, por sua boa disposição e observações indispensáveis para o sucesso de nosso projeto.

Aos funcionários do Departamento de Apoio à Pesquisa por sua ajuda e gentileza.

À Universidade Federal do Amazonas por possuir um jeito distinto de fazer universidade dando oportunidades aos seus acadêmicos.

À Fapeam por acreditar no potencial de pesquisa dos amazônidas e por custear esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Martins Pontes, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Tradução de Cleonice Mourão *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LYRA, Pedro. *Conceito de poesia*. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.
- MARTINS, Elizabeth Dias. “O caráter afrobrasílico e residual no *Auto da Compadecida*”. In: *XVII Jornada de Estudos Lingüísticos. Anais*. volume II. Fortaleza: UFC/GELNE, 2000. p. 265.
- _____. “Resíduos medievais implícitos na obra *Almadiana*”. In Revista Eletrônica de Estudos Portugueses *Labirintos* . n° 07. Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana. 2010.
- MELLO, Thiago. *De uma vez por todas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- _____. *Faz escuro mas eu canto*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. *A Complexidade dos Estatutos do Homem Thiago de Mello*. (Tese de Doutorado). Manaus: UFAM, 2014.
- NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Difel, 1974.
- _____. *Para nascer nasci*. Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difel, 1986.
- _____. *Antología General : Real Academia Española* , Lima, 2010
- _____. *Las uvas y el viento* - 1ª ed.- Buenos Aires, 2003.
- PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasílica: estudo da obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto*. Edições UFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

Cronograma

No.	Descrição	Ago. 2013	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan 2014	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul/
1	Seleção de Bibliografia e releitura do Livro Poesia Insubmissa Afrobrasílusa de Roberto Pontes	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R		
2	Leitura e fichamento de Pedro Lyra e conceito de poesia		R	R	R	R	R	R	R	R	R		
3	Seleção e estudo das passagens mais significativas explicitam a amizade entre Pablo Neruda e Thiago de Mello			R	R	R	R	R	R	R	R		
4	Análise de poemas do livro Faz escuro mas eu canto de Thiago de Mello					R	R	R	R	R			
5	Elaboração do Relatório Parcial				R	R	R						
6	Elaboração do Resumo e Relatório Final							R	R	R	R	R	R
7	Apresentação Final para o Congresso												P

R: Realizado

P: Previsto